

ENTRE/PERFIL

[/www.correio24horas.com.br](http://www.correio24horas.com.br)**Priscila Natividade**texto
priscila.oliveira@
redabahia.com.br**Marina Silva**foto
marina.silva@
redabahia.com.br

Nem adianta chamar ele de Manuel. "O mundo todo me conhece como Caxingue". Na rua principal da Feira de São Joaquim, em frente à barraca de Rosália das Pimentas, a Casa das Folhas é uma das principais referências do povo de santo que vai em busca de ervas sagradas e raras. Guardião da casa e da sabedoria que aprendeu com zeladores antigos, Caxingue, 69 anos, vende artigos para o candomblé há 50 anos e não por acaso, conquistou a amizade e admiração de um ilustre e famoso adorador da feira e de Salvador: o fotógrafo, antropólogo e pesquisador francês, Pierre Verger (1902-1996).

"Tinha 18 anos quando vim de Nazaré das Farinhas e caí aqui na feira. Comecei aprendendo a vender folhas com os zeladores antigos e aprendo muito com eles até hoje. Conheci o finado Verger bem jovem. Ele chegou na minha banca de forma muito voluntária. Como sou muito comunicativo, a gente fez a nossa amizade, de boa. Passou a vir sempre me visitar e a me indicar também para outras pessoas", conta.

Não só vendedor de ervas, mas um amigo. Não demorou para Caxingue e Verger trocarem conhecimento sobre o poder das folhas para o candomblé. "Pelo menos, 2 vezes por ano, passava aqui na banca para me visitar. Era um professor, já sabia tudo. Eu nunca esqueço a educação e atenção entre nós. O que ele sabia era porque ele era estudado na faculdade e famoso e eu sou estudado na feira. Obra do destino".

Entre os visitantes que apreciavam na Casa das Folhas recomendados por Verger estiveram pessoas como o professor, escritor e babalorixá carioca, José Flávio Pessoa de Barros (1943-2011) que foi até Caxingue quando estava escrevendo o livro *Ewé Orisà: Uso Litúrgico e Terapêutico dos Vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô* (Bertrand Brasil, 1998). "Ele veio aqui por intermédio de Verger para estudar e fazer esse livro. Verger sabia que eu tinha muito conhecimento sobre as folhas. É um livro muito bom, uma enciclopédia das ervas".

Um tempo depois, foi a vez da escritora e pesquisadora francesa, Ming Anthony, conhecer Caxingue também por sugestão de Verger. Autora do livro, *Des Plantes et Des Dieux Dans Les Cultes Afro-brasiliens: Essai d'ethnobotanique comparative Afrique-Brésil Broché* (L'Harmattan, 2001), Ming Anthony, inclusive, cita Caxingue na página 83 da obra que trata do conhecimento naturalista e os ritos de povos afro-brasileiros.

"Nessa época, Verger já estava doente, não vinha mais à feira. Essa criatura (Ming) estava escrevendo o livro e até me pediu um remédio para ele, mas naquela situação que estava não tinha remédio certo. Também



Guardião das folhas e amigo de Verger

São Joaquim Conheça a história de Caxingue e a sua Casa das Folhas que vende há 50 anos artigos para o candomblé

falei sobre as ervas e conversei com ela a pedido de Pierre Verger", afirma Caxingue, que viu seu nome ganhar uma versão gringa: "Está escrito aí no livro 'Caxingi', mas não está errado, não. É porque ela escreveu meu nome em francês".

SABEDORIA POPULAR

Em meio a entrada e saída de um cliente e outro na loja – por onde já passou outros ilustres como Mário Cravo Filho – Caxingue sempre se despede da mesma forma, levando algum produto ou não: "apareça sempre". Adotou recentemente o 'zap', só para cadastrar a chave do pix para as vendas. Nesse mesmo número, ele pede que mande uma mensagem lembrando a encomenda feita. Com a Casa das Folhas, criou seis filhos e 10 netos.

"Incontáveis pessoas já passaram por aqui, que nem me lembro. Nunca fiz média, numa fiz conta. Só pago as contas, quando devo. Tudo que pega no candomblé, tem na feira. Estou sempre vendendo alguma coisa. No entanto, final de ano é que a gente vende mais ou quando tem obrigações dos filhos de santo". Entre as folhas que tornaram Caxingue conhecido como um 'babalossaim' (o encarregado de colher as ervas sagradas) estão as folhas das águas como oxibatá, abebe, ojúoró.

"Para mim, não existe folha sem orixá. Todas essas são folhas raras que o cliente só encontra aqui. É folha de fundamento e de visão de cabeça de orixá", diz. Das folhas que vende, Caxingue planta, ele mesmo, só as folhas de fundamento. Na loja tem também artigos de barro, velas e banhos prontos como um que atrai o que você quiser até mesmo dinheiro.

"As folhas de fundamento são as que servem em todas as cabeças dos iaôs. Também são as que mais vendem. As outras ervas, a gente compra. A mais procurada de todas, mesmo é a folha mais potente do candomblé e do axé: ewé ogbó. Não sou pai de santo, mas eu já aprendi muita coisa".

1 Manuel ou Caxingue criou seis filhos e 10 netos vendendo artigos para o candomblé há 50 anos

2 Livros nos quais ele contribuiu durante a pesquisa, por indicação de Verger; em um dele, aparece como 'Caxingui' – 'escreveu meu nome em francês'

Nascido pelas mãos de uma zeladora de orixá, filha de uma legítima mãe de santo africana, Caxingue diz que sempre foi muito observador e curioso para aprender. "Minha história é muito bem contada. Na minha fase de crescimento foi nessas duas casas de santo que fui fazendo favores e aprendendo o que sou hoje. Quando criança, tinha festa e eu não entrava no salão, ficava só observando da janela. Minha avó, minha mãe, minha família toda – parte de pai e de mãe – eram do candomblé".

Na família, só sobrou Caxingue para levar essa sabedoria das folhas. "A minha religião é só ter fé em Deus e aprender tudo, tudo que eu tiver direito, eu quero aprender. Sabe por quê? Tenho muita fé. Eu vi a originalidade de tudo, o salão era chão. Vim de fundo. Hoje o salão do terreiro é contrapiso, é luxo".

O arquiteto e historiador Chico Senna explica que justamente essas pessoas mais encantavam Verger: "Verger teve muita relação com o candomblé, se iniciou na religião. Essas manifestações de baianidade e afrodescendência, a cultura popular, essa autenticidade. A feira é mais do que original, mais do que verdadeira. E Verger era um mago que via tudo isso, desde que chegou em Salvador em 1949 e se deixou seduzir pela Bahia".

●● Comecei aprendendo a vender folhas com os zeladores antigos e aprendo muito com eles até hoje Caxingue
Proprietário da Casa das Folhas



10 COISAS QUE VOCÊ SÓ ENCONTRA NA FEIRA DE SÃO JOAQUIM

1. Bichos em geral Coquem (galinha-d'angola), bode, pavão, pombo, galinha.

2. Folhas e ervas São usadas nas obrigações, banhos e trabalhos nas religiões de matriz africana. "Com esses materiais ofertamos aos orixás o primórdio, iniciando e/ou encerrando os trabalhos e obrigações", explica o babalorixá pai César D'Ajagunã.

3. Utensílios de barro Diversidade de potes e recipientes como o alguidar, a quartinha e o quartilhão para orixás.

4. Variedade de tecidos e roupas de axé São inúmeras opções de estampas, modelos e tamanhos. "As roupas fazem parte da beleza e produção no momento final das nossas festas".

5. Ferramentas de Orixás Pode ser encontrada em ferro, aço, barro ou em material sintético.

6. Guias As guias são colares de miçangas usados de acordo com o orixá associado a cada um. Carrega proteção, simbolismo e representatividade para o povo de santo.

7. Produtos para alimentação Camarão seco, farinhas, grãos, verduras e frutas são alguns dos elementos fundamentais para o candomblé. "Tudo na religião está ligado à comida, ao alimento, e circulamos nossa energia neste compartilhar de alimento da nossa fé", comenta o babalorixá.

8. Velas Com maior diversidade de tipos, cores e tamanhos.

9. Charutos É mais um item presente não só nas oferendas, mas também nos rituais.

10. Cachaça A aguardente é mais um produto vendido na Feira de São Joaquim que é usado em oferendas nas religiões de matriz africana, sobretudo, no candomblé.